

EDUCAÇÃO EM MIRACEMA DO NORTE: INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS TOCANTINAS

EDUCATION IN MIRACEMA DO NORTH: TOCANTINA EDUCATIONAL INSTITUTIONS

Aragoneide Martins Barros

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil

Jocyléia Santana dos Santos

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v25i1.1166>

Recebido em: 23/11/2022

Aceito em: 04/01/2023

Resumo: Este artigo tem como intuito narrar as memórias dos professores aposentados que atuaram no período de 1960 a 1990 no Colégio Tocantins, na Escola José Damasceno Vasconcelos e no Centro de Ensino Médio Santa Terezinha, na cidade de Miracema do Norte. A análise das memórias dos professores revelou variados aspectos do cotidiano das escolas primárias do interior do norte goiano, tais como: os métodos de ensino, as normas escolares e a rotina vivenciada por alunos e professores. Na pesquisa bibliográfica utilizou-se autores que tratam das instituições educativas, a saber: Noselha (2009), Nunes (2006), Sanfelice (2007) e Justino Magalhães (2004) que no livro *Tecendo nexos: história das instituições educacionais* enfatiza as instituições educacionais como espaços de transformação do indivíduo. Para aplicação da metodologia da História Oral adotou-se Verena Alberti (2000), Bosi (1994), Halbawachs (2003) Michael Pollak (1992) Portelli (2006) Meihy e Holanda (2010) e outros. Para análise das entrevistas baseou-se em Bardin (2011) e Jacques Le Goff (1998). Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas buscando analisar a história oficial registrada nos documentos das Escolas e a história narrada nas entrevistas dos sujeitos investigados. As entrevistas seguiram os procedimentos previstos de identificação de testemunhas, construção de roteiro de perguntas, termo de consentimento livre esclarecido e análise dos depoimentos. Os agentes escolares destacaram lugares, acontecimentos, personagens, práticas educativas e produziram informações sobre a cultura, os ritos e o cotidiano da escola brasileira do norte goiano, num contexto local de educação das décadas de 1960 a 1990.

Palavras-chave: História da educação; Instituições Educativas, professores aposentados, Tocantins

Abstract: This article aims to narrate the memories of retired teachers who worked from 1960 to 1990 at Colégio Tocantins, at Escola José Damasceno Vasconcelos and at Centro de Ensino Médio Santa Terezinha, in the city of Miracema do Norte. The analysis of the teachers' memories revealed various aspects of the daily life of primary schools in the interior of northern Goiás, such as: teaching methods, school norms and the routine experienced by students and teachers. In the bibliographical research, authors who deal with educational institutions were used, namely: Noselha (2009), Nunes (2006), Sanfelice (2007) and Justino Magalhães (2004) who in the book *Tecendo nexos: História das as spaces for the transformation*



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

of the individual. For the application of the Oral History methodology, Verena Alberti (2000), Bosi (1994), Halbwachs (2003) Michael Pollak (1992) Portelli (2006) Meihy and Holanda (2010) and others were adopted. The analysis of the interviews was based on (Bardin (2011) and Jacques Le Goff (1998). All interviews were transcribed and analyzed, seeking to analyze the official history recorded in the documents of the Schools and the history narrated in the interviews of the investigated subjects. The interviews followed the established procedures for identifying witnesses, constructing a script of questions, free and informed consent form and analysis of testimonies. School agents highlighted places, events, characters, educational practices and produced information about culture, rites and daily life of the Brazilian school in northern Goiás, in a local context of education from the 1960s to the 1990s.

Keywords: History of education; Educational Institutions, retired teachers, Tocantins

1 Introdução

A cidade Miracema do Norte, situada às margens do Rio Tocantins, baseada no transporte de suprimentos e incipiente agricultura não se destacava nos circuitos da literatura tais como as cidades de Porto Nacional e Carolina do Norte, no Maranhão. Vivia isolada, o rio Tocantins era o caminho natural e integrador que contribuía para o intercâmbio entre as cidades ribeirinhas. (VASCONCELOS, 1991)

Em 1932, Ormindá Barbosa abriu uma escola particular; entretanto, a primeira escola pública só foi criada em 1946, com o auxílio do deputado José de Souza Porto, que recebeu o nome de Escola Reunida do Sexo masculino e feminino, sob a direção de Elinda Aquino Pereira, a primeira professora nomeada em Miracema.

Embora nos anos de 1960 já existisse educação pública e em 1956 tivesse sido criada uma escola confessional católica na região do antigo Norte goiano. Miracema continuava isolada, pequena e sem apoio maior na área da educação.

Para compreender esta história, é imprescindível que se adentre no seu passado, a fim de apropriar-se e escrutinar os distintos momentos que foram construídos e sua reverberação nos colégios, na educação, na sociedade, bem como na história de cada indivíduo que por ela passou.

Entendendo melhor as instituições, utiliza-se o conceito de Instituição Educativa de Magalhães (2004), o qual afirma que as mesmas são “organismos vivos”, que produzem e transmitem cultura (a cultura escolar), possuindo uma identidade que as distingue dentro do tempo.

Para esse autor, as Instituições Educativas são entendidas, ainda, como “organismos criativos” tanto na sua vivência interna, como na relação com as comunidades e públicos a que se destinam, centrando-se “na dimensão sociocultural e concretizam-se pela transmissão e pela produção científica e tecnológica, bem como pela socialização e pela formação de hábitos e mudança de atitudes e pela interiorização de valores” (MAGALHÃES, 2004, p. 145).

Sobre instituição educativa no Tocantins, ressalta-se a pesquisa de Renato Hannisch: *História e Memória da instituição educativa Universidade Luterana do Brasil- ULBRA Tocantins (1992-2004) no contexto da construção de Palmas* orientado por Dra Jocyléia Santana. O autor realizou pesquisas em jornais, arquivos, entrevistas para contar a história da instituição no

período de consolidação da nova capital do Tocantins, Palmas.

A pesquisa em Instituições Educativas, sob a ótica dos sujeitos que participaram da mesma, de acordo com este autor, pode revelar, ainda, que:

[...] nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais, que se contrapõem a um discurso científico (MAGALHÃES, 2004, p. 155).

Neste sentido, conforme Neves e Martins (2008) entende-se que os arquivos históricos escolares em construção evidenciam os diversos sujeitos, suas histórias. Destarte, frente a escassez de documentos e dados da época nesta busca pela história de três instituições de educação de Miracema, entrelaçam-se intelectualmente e afetivamente, os participantes desse estudo. Isso expande debates referentes ao significado das fontes históricas em um recinto onde os documentos não são tidos como velhos problemas de organização, mas fontes documentais para valorização e apreensão dos processos pedagógicos.

Outro aspecto a destacar é o temporal, o valor histórico do material que induz a exploração sobre outras abordagens para o entendimento da escola. Apontam caminhos para debater os registros educativos da sociedade a cerca da escolarização, da formação docente e discente, da trajetória social e política dos sujeitos escolares, a memória escolar ativando lembranças, o registro corporal nesses espaços educativos, os discursos de autoridades e os discursos silenciados (NEVES; MARTINS, 2008).

2 Do registro histórico ao compartilhamento das memórias

No labor diário de construção e entrelaçamento dos fios das narrativas que tecem a vida, o ato de contar, enquanto artifício fecundo é responsável por conservar a memória de uma sociedade e por unificar gerações. Neste sentido, seja na vida ou em uma sala de aula, o processo comunicante é fundamental. Logo, os professores que narram suas histórias e igualmente as histórias do ambiente social e profissional ao qual pertencem tem a função de preservar, de dar continuidade à experiência dos relatos de uma comunidade, no caso específico de Miracema do Tocantins e suas instituições educacionais.

As narrativas permitem ao leitor imergir naquilo que escuta, e vivenciar, por intermédio da experiência do outro, a sua própria experiência. Segundo Benjamin (1994, p. 205) isso é possível porque a narrativa “mergulha na vida do narrador, para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.

Apreende-se que, a partir da narrativa de sua própria história, o sujeito tem um despertar de si mesmo, em um processo de ingresso ao passado por meio da memória, ilustrando sua vida no movimento revérbero que a narrativa gera. Visto que a investigação narrativa nasce da experiência e regressa a ela em uma evolução cíclica do viver, contar, recontar e reviver (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Ainda nesta perspectiva Benjamin (1994), elucida que no procedimento de narrar a própria história, existem dois papéis indispensáveis, o de quem narra e o papel de quem escuta, dito de outro modo, não há narrador se não tiver ouvinte. No texto de sua autoria averbado

“O Narrador” (1994), Benjamin aduz que “a capacidade de ouvir se vai perdendo e perde-se também a comunidade dos que escutam”. Ressalta que “[...] narrar estórias é sempre a arte de transmiti-las depois, e esta acaba se as estórias não são guardadas. Perde-se porque ninguém mais fia ou tece enquanto escuta as narrativas [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 204-205).

Assim, ao observar e analisar as narrativas dos participantes da pesquisa a partir de suas experiências, trabalhar com as entrevistas narrativas implica “[...] dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras” (LARROSA, 2002, p. 21).

Portanto, em consonância com Clandinin (2010) que declara que a experiência é a própria vida, na subseção seguinte, apresenta-se as experiências escolares e trajetória profissional vivida e narrada dos professores participantes da pesquisa.

Ao ser questionada acerca de sua origem Perna (2019) natural de Miracema do Norte/GO, narrou um pouco a respeito das transformações que o nome da cidade passou até chegar ao atual. Ela teceu o seguinte relato:

Nasci aqui quando ainda era uma vila, era Bela Vista, que você sabe que Miracema teve vários nomes, né? Bela Vista; Xerente; Miracema do Norte e Miracema do Tocantins. Eu nasci quando era uma vila [...] aqui era uma cidadezinha pacata. Ela não ficou à margem da estrada. Ela ficou um pouco fora da estrada, ficou fora da Belém-Brasília, então era assim difícil. Depois foi que as pessoas foram chegando e as outras foram estudando (PERNA, 2019).

No fragmento acima, Perna (2019) relembra que, além das mudanças ocorridas em torno da definição do nome da cidade, Miracema a princípio era “uma vila”, “uma cidadezinha pacata”. Realmente, distante da antiga capital Goiânia e afastada, posteriormente da BR Belém-Brasília construída em meados da década de 1959, o acesso ao município era difícil e ocorria no geral por meio do rio Tocantins em pequenas embarcações. Mesmo após a construção da Belém-Brasília, Miracema continuou isolada.

Conforme o professor Eliseu Ribeiro (2011) a rodovia desequilibrou a economia regional do ponto de vista de desagregação de valores “antigos” e agregação de “novos” valores. (...) com o deslocamento do vale do Tocantins para a nova BR, o rio Tocantins, que a muito era uma esperança de integração regional, se transforma numa barreira natural, impedindo que o “desenvolvimento” da Belém-Brasília atingisse à margem direita do rio.

Em consequência disso, forma-se um “corredor de miséria” e os bolsões de atraso cultural, nas terras isoladas da margem direita do rio Tocantins. (...) nem a hidrovía do Tocantins e muito menos a Belém-Brasília, foram suficientes para fazer a integração da região. A hidrovía esbarrou na sazonalidade da navegação, a Belém-Brasília deslocou o eixo um pouco para a esquerda sem se integrar à região. Ela mais parece, uma linha “alienígena” ligando dois diferentes pontos, Belém e Brasília, é uma coluna vertebral sem vértebras (LIRA, 2011, p. 152-153). A referida cidade vivenciou a euforia do “progresso”, quando se tornou a primeira capital do Tocantins em 1989.

Neste sentido, o professor Santos (2019), no tocante a sua procedência narrou o seguinte: “Sou natural daqui, bem daquela esquina ali.” Filho de pai maranhense, ao indagar sobre o que atraiu o pai para a região naquela época, respondeu:

Rapaz foi coisa de família, porque ele tinha uma mulher, e meu pai era assim bruto. E a mulher se separou dele e quis tomar o filho. Aí ele pegou o menino

(filho mais velho) botou na canoa e falou: “não, ficar com o meu filho, você não vai ficar não.” (risos) e subiu no rio. Pra ficar com o menino ele trouxe o menino. Só ele e o menino. Ele conta que vinha subindo nesse Rio aí né, e naquele tempo praticamente não tinha nada, aí encostou na praia, porque naquele tempo tinha muito índio, muita onça, esses trem. Aí cavava um buraco colocava um pano pra fazer a caminha do menino pro menino ficar e aí passava a noite rodeando o menino (risos) (SANTOS 2019).

No decorrer das entrevistas identificaram-se ensejos distintos que impulsionaram várias famílias a saírem de suas cidades natais e migrarem para o norte de Goiás. Como o que ocorreu, por exemplo, com a professora Carvalho (2019) que foi arrancada de sua terra aos 3 anos de idade, “eu vim para cá em 1945”. Observe-se no relato abaixo o motivo da vinda de sua família para a região naquela época.

Na minha família, meu pai era garimpeiro, trabalhava em garimpo mais meu avô, então aquilo assim, ele lá no Sul até que eu fiz uma pergunta para ele: “Porque que você não comprou terra no Sul naquela época?” Ele, virou para mim e disse assim: “não aqui é muito caro a gente tem que viver mais no Norte, em lugares que tem condição da gente viver assim melhor, sem muito esforço”, trabalhar, mas que lá tudo é caro né, lá onde eu nasci Aquidauana (CARVALHO, 2019).

Questionou-se a Gonzaga (2019) como era Miracema quando eles chegaram aqui na década de 1960. “Mato. Só mato, mato, mato eu sou uma das fundadoras daqui”. Respondeu-a enfaticamente e complementou: “inclusive agora, quando, o Moisés foi prefeito, ele mandou saber se eu aceitava botar o nome do meu marido em uma rua, João de Deus. Eu disse: „não, quero não. Não botaram o nome em uma rua ele vivo não é . Para Gonzaga a homenagem em reconhecimento ao fato de sua família ter sido uma das fundadoras da cidade deveria ter ocorrido, por intermédio de seu marido ainda em vida, não compreendendo que no caso específico de atribuir a uma rua o nome de seu falecido, em vida, ser proibido por lei.

E continuou dando detalhes de como era a cidade:

Eu cheguei aqui no dia 05/01/1965 no comecinho do ano. Morava lá embaixo. Pra ir pro Correntinho, no Correntinho só alguma casinha era tudo mato. Não tinha transporte assim pra gente ir pro lugares, mulher vou te falar era difícil demais. Não tinha energia, nem água. Depois também cheguei pra cá e lavava roupa lá pra acolá em um brejo, menino é luta. Eu tenho sofrido viu. A energia foi depois que Oscarzinho foi prefeito é. A gente banhava, de tardzinha se eu não dava conta de apanhar água pra banhar, fazer de comer, fazer tudo, nos levava no rio lá, minha casa era ali na rua Bela Vista, na Policlínica. Então levava os meninos no rio pra tomar banho, lavar roupa. Eu tenho sofrido muito. E aqui quando eu cheguei pra cá, só tinha uma casa bem aqui e outra lá mais na frente. Só mato, mato, mato mesmo minha fia. Depois que eu cheguei aqui, porque o mato aqui estava maior que lá embaixo. Aí quando passou a época da capital, foi que desenvolveu aqui também. Não tinha rua não, era só mato, mato mesmo (GONZAGA, 2019).

Em sua narrativa Gonzaga (2019) expõe dias difíceis, sofridos, vivenciados em Miracema do Norte em dois momentos e lugares distintos da cidade. No primeiro, discorre sobre a parte baixa da cidade, pois quando chegou morava próxima ao rio Tocantins, e o município se resumiam apenas àquele bairro e o bairro Correntinho que ela refere-se haver poucas casas, muito mato e nenhuma estrada. Mais tarde mudou-se para o setor universitário e a realidade continuou sofrida, pois o bairro era novo, havia poucas casas e ainda mais mato que no local anterior. Ao

perguntar por que ela saiu da parte baixa da cidade, para se mudar para um lugar que ainda não tinha nada, explicou: “com medo da água, fiquei com medo demais, assombremos”. Referindo sim as duas enchentes. “Minha casa lá deu dois metros de altura de água dentro da casa”.

Carlos Moreira (2019) filho de Boanerges Moreira de Paula maranhense de Carolina e de Maria Bandeira Cerqueira de Imperatriz/MA, os quais são considerados um dos fundadores de Miracema, chegaram a essa terra em 1949, Moreira que nasceu 5 anos mais tarde, ao narrar acerca de sua origem, informou:

Eu nasci em 1954, em Goiânia não foi porque meus pais moravam lá, foi porque os dois primeiros filhos dos meus pais morreram. O primeiro por desidratação, doença quase sempre fatal para os poucos recursos de saúde na Miracema de então. E a segunda nasceu com problemas de coração e morreu com seis meses. Por isso, eles ficaram muito nervosos, tensos aí minha mãe foi fazer parto lá. Mas aí eu vim de imediato para cá, aí eu fiquei até 16 anos quando concluí o ginásio (MOREIRA, 2019).

Mediante o relato percebe-se as dificuldades enfrentadas pelos moradores quanto a condições mínimas de assistência a saúde existente em Miracema na década de 50. E que o nascimento de Carlos Moreira em Goiânia ocorreu por força maior, o medo de uma morte prematura.

Conforme Pereira (2010) o motivo de sua mudança para o novo Estado foi para acompanhar o seu cônjuge e descreve que sua chegada ao norte goiano, se deu em clima de festa após doze dias percorridos montada a cavalo, um dos meios de transportes comuns da época, além dos barcos a motor que navegavam pelo Tocantins e Araguaia.

A professora Nôleto (2019) natural de Riachão/MA migrou para Miracema do Norte com toda família em 1960. Ao ser questionada sobre o que motivou seus pais a deixarem o Maranhão e reconstruírem sua vida aqui, elucidou: “educação dos filhos, porque lá era difícil para educar e ele sempre falava que não queria criar os filhos, igual ele foi criado”. Filha de pais semianalfabetos, vivendo em uma propriedade rural no município de Riachão/MA, sua mãe ensinou o pouco que sabia aos filhos:

Eu aprendi o abc, ler e escrever e contar com minha mãe, ela que me ensinou, ela chamava a gente botava no pé da mesa, e colocava uma palmatória, ali junto, nego não brincava não ali tinha que aprender (risos), aí quando ela ia trabalhar na cozinha botava minha irmã mais velha, a irmã mais velha tomava conta e ela era enjoada gostava de me bater. Tinha os argumentos de tabuada: quanto é $2+2=4$, era assim perguntava, quando a gente errava olha lá a palmatória (NÔLETO, 2019).

O pai almejando um futuro melhor para os filhos toma a decisão de mudar-se. A professora Nôleto, se encontrava com 15 anos quando iniciou seu processo educacional no primeiro ano do primário em 1961, na Escola José Damasceno em Miracema. Todavia, ressalta que já foi para a escola alfabetizada, pois sua mãe e irmã mais velha utilizando inclusive de castigos corporais, como a palmatória, foram responsáveis por lhe ensinar o abc, a ler, escrever e conta. Outro ponto que fica subentendido mediante o relato é que na década de 60, o município já chamava atenção de pessoas de regiões vizinha, bem como de outros estados, em especial do Maranhão no tocante a educação escolar.

Neste sentido, temos a professora Coelho (2019) nascida em 1947, filha de uma família

numerosa e tradicional de Balsas/MA, que mais tarde se tornaria conhecida em Miracema. Deste modo, em 1959 seus pais decidem mudar-se para o norte de Goiás em busca de novos campos de trabalho.

Quando nós chegamos para cá em 1959, como lá ele mexia com farmácia, loja de tecido e alambique, e ele era primo do doutor Francisco Coelho, pai do doutor Luis Coelho que tinha lojas e residências aqui, onde hoje fica a farmácia do trabalhador. Aí quando nos chegamos para cá, matava-se muito gado nos matadores daqui e das cidades do entorno, então meu pai falou assim: „vou montar um curtume. E deu certo, pois eu sei que naquele tempo saia não sei quantos caminhões de sola, daqui da beira da providência, os curtumes, os tanques era do lado de lá (COELHO, 2019).

A narrativa de Coelho (2019) apresenta outra realidade da cidade de Miracema do Norte no final dos anos 50 início dos anos 60. Onde apesar das dificuldades de acesso por vias terrestre, existia um comércio aflorado e promissor.

Dando continuidade às falas dos participantes da pesquisa, a subseção seguinte exporá acerca do modo como ocorreu o contato destes sujeitos com a docência.

3 O ingresso na docência

A professora Torres (2019) natural de Barra do Corda/MA, falou sobre seu ingresso na docência, que ocorreu no final da década de 1950 a princípio na cidade de Goiatins/TO. Sua narrativa infere ainda o viés político partidário e eleitoral que em muitos momentos está presente no âmbito educacional:

Como eu falei para vocês, em 1959, nessa época, eles pegavam as melhores alunas do colégio para levar nas férias, para as fazendas para elas começarem a ensinar, aquelas pessoas a votarem, e eu comecei meu ingresso em escola foi por aí. Era, aí eu logo imediatamente fui nomeada por causa do prefeito que era muito amigo do meu pai. Era o Seu Antonio de Sousa Porto, e ele foi e achou que eu já estava. Eu trabalhava em particular nas fazendas dando aula para ensinar a pegar na mão, ensinar eles a escrever, não a ler nem tanto, apenas escrever, para poder, para aprender a votar. Aí, como eu fazia esse trabalho em todas as minhas férias o prefeito da cidade achou por bem me dar uma cadeira para trabalhar já, pelo estado, já ganhando fixamente. Então a nomeação foi realmente em 1959. Mas antes eu já fazia esse trabalho, né. Só que não era um trabalho reconhecido, era apenas por fachada de fazendeiro, de tudo para poder eles aprender a votar, que era época de eleição. Mas aí depois eu fui contratada. Antes disso fui contratada pela prefeitura como secretária, né. Mas, eu tinha apenas 15 anos na época, e aí eles me deram uma cadeira na prefeitura para trabalhar com os vereadores. Mas eu trabalhei antes de eu ser contratada, nomeada para o estado mesmo em si. Eu trabalhei, agora pelo estado em si, eu entrei dia primeiro de janeiro de 1959 (SOUSA, 2019).

Em seu relato, a professora menciona que iniciou seu ofício muito jovem, e que ainda na condição de aluna do primário fora convidada a trabalhar no sertão, “no começo eu não recebia nada porque era na fazenda de um tio meu, aí eu não recebia nada, dava aula para satisfazer “ele” e depois ao trabalhar nas propriedades de fazendeiros vizinhos no município de Goiatins/TO (ex-Piacá), passou a receber um valor pequeno, simbólico.

Nota-se que na época, a finalidade do ensino não era alfabetizar, nem ensinar os

empregados a ler, mas contribuir com um aprendizado que lhe propiciasse praticar o ato de votar. Segundo a professora foi uma experiência positiva, pois mesmo não se tratava de um trabalho formal de docente, mas lhe oportunizou conhecimento e certa popularidade, visto que apesar da idade e pouco estudo todos se agradaram do seu modo de ensinar. Portanto, percebe-se que esse histórico e bom relacionamento com os fazendeiros da região, bem como, a relação de amizade entre seu pai e o prefeito da época, foram elementos fundantes no seu processo de nomeação e contratação na Rede Estadual de Ensino, em janeiro de 1959, em Goiatins.

Infere-se também, no relato acima, o sistema de poder existente na época conhecido como *coronelismo*, em que as populações de cidades do interior do norte goiano e rurais eram tidas como legítimo rebanho eleitoral dos chefes locais (fazendeiros) (GOMES, 2002). Deste modo, exercer o magistério estava intrinsecamente ligado à inserção dos professores na rede de relações que se vinculava entre as famílias e os representantes do poder político. Como descreve neste viés, Gomes (2002, p.407).

É bom lembrar que, ao lado do padre, do juiz, do chefe de polícia e do farmacêutico, as diretoras e professoras eram figuras conhecidas nas localidades do interior, e suas nomeações eram alvo de negociações coronelísticas.

A professora Torres (2019) externou a importância e as oportunidades que tivera após o trabalho educacional iniciado com adultos no sertão. Aos 20 anos foi nomeada para trabalhar formalmente como professora na escola Rio Vermelho em Goiatins (ex-Piacá) e posteriormente foi convidada por uma amiga para trabalhar em Miracema, como pode-se observar na narrativa a seguir:

Eu vim para cá em 66. Tinha uma amiga minha que era de lá, que era filha do prefeito. Era muito amiga minha, aliás, ainda hoje é. E ela me convidou para vim para cá, que estavam precisando de uma professora de jardim de infância, aí eu falei para ela: como é que eu vou? Eu nunca dei aula para jardim de infância. Aí ela disse: não, chegando lá tu aprende, é muito fácil. Aí, quando eu cheguei aqui ela tinha arrumado, quando eu cheguei com três dias, naquela época eu vim na Varig, porque a Varig pousava naquela época aqui. Eu vim na Varig e voltei, com três dias pela Vasp em Tocantínia, aí voltei com três dias que eu estava aqui eu arrumei tudo e fui para lá, com cinco dias eu já estava lá em Goiatins arrumando a minha mudança toda. Eu deixei o meu marido com meu filho. Não, eu trouxe um filho, e aí eu peguei a Vasp e vim fiquei morando na casa de minha amiga.

Observa-se que por intermédio de indicação, Torres (2019) mesmo sem formação e sem experiência com o público ao qual estava sendo convidada a trabalhar recebeu proposta de emprego na Educação. Assim, sua trajetória no magistério na cidade de Miracema do Tocantins, iniciou-se em meados de 1966, na educação infantil e perpetuou por toda sua vida profissional como ela disse: “eu nunca sofri desemprego, eu toda vida graças a Deus tive meu emprego”.

No dia 2 de março de 1966, eu cheguei em Miracema. E eu só tinha exclusivamente o ensino fundamental. Eu peguei uma classe de alunos de jardim de infância, 45 alunos, na época, de três a quatro anos. As crianças eram muito pequenas. E aí eu usei o mesmo método que eu usava lá no interior, porque eu já estava acostumada e os meninos eram muito pequeninos e na hora do recreio eu botava todos para dormir, na hora do lanche eu dava lanche para cada um, então foi muito divertido, foi bom demais (TORRES, 2019).

Outro aspecto presente no excerto acima são os distintos papéis e desafios desempenhados

por Torres (2019), sem formação, com um público adverso ao qual havia trabalhado e em uma sala com 45 alunos. Agora não lhe competia somente a árdua tarefa de ensinar as letras, mas também alimentar, limpar e colocar para dormir. No entanto, a partir do relato depreende-se que ela obteve sucesso, bem como expressões de carinho materno para com seus alunos, e ainda como aquelas experiências lhe proporcionaram prazer.

Para a professora Pereira (2019) o encontro com a docência ocorreu ainda no Maranhão, em meados de 1940 e ao chegar a Miracema do Norte, na década de 1950 deu continuidade.

Lá no Maranhão eu já trabalhava e quando cheguei aqui eu continuei dando escolinha aqui acolá no município. Fui para a fazenda, passei uns dois anos na fazenda dando aula. Aí, resolvi fazer o vestibular, que era o exame de admissão. Aí, fiz e fui estudar o ginásio, estudei, quando terminei passei para o magistério e aí concluí o magistério e na época eu já trabalhava, entendeu, no colégio e continuei (PEREIRA, 2019).

Percebe-se que a vida escolar e profissional de Pereira ocorreu em determinado momento simultaneamente, pois ao mesmo em que foi aluna do ginásio e do curso técnico em magistério também trabalhava como professora no Colégio Tocantins (CT). Fato que confirma a carência de profissionais formados na década de 60, 70, 80 na cidade. Na narrativa Pereira utilizou o termo “escolinha” para denominar o que seriam as aulas nas primeiras séries. E outros termos utilizados na época, como “exame de admissão”, que se travava do exame obrigatório nas escolas públicas instituído no Brasil por meio do Decreto nº 19.890⁶¹ de 18 de abril de 1931, como parte da Reforma Francisco Campos, e perdurou por 40 (quarenta) anos sendo extinto em 1971. Trata-se de um período histórico de restrição para o ingresso ao ginásio (GAMA, ALMEIDA, 2018).

A escassez de professores qualificados também se reflete na trajetória profissional do professor Milhomem (2010), natural de Porto Franco/MA chegou ao solo miracemense no final da década de 50. Sua entrada no magistério se deu no início dos anos 60 e persistiu por 38 anos, dos quais nesse período desempenhou várias funções na educação e fora dela, observe um trecho da entrevista:

Cheguei aqui em 1957. Daqui eu fui para Pedro Afonso para concluir o ginásio que era, na época, uma coisa muito importante para a gente, ter o ginásio. [...] E concluído o ginásio, estava passando por Miracema para ir a Goiânia quando coincidiu com a criação da Casa da Assunção aqui em Miracema. Que vieram como religiosas e também para criar o que nós chamamos hoje de colégio Tocantins. E em dezembro de 61 elas estiveram aqui juntamente com o Padre Cícero e pediram para que eu permanecesse em Miracema para ajudar na criação do Colégio Tocantins, me convenceram. Arranjaram duas nomeações para mim, uma para eu lecionar na primeira fase, ou seja, no antigo primário, e outra para lecionar na segunda fase, ou seja, no antigo ginásio. [...] Pela escassez de elementos eu [...] passei também a dar aula no próprio segundo grau, inclusive até no quarto pedagógico. Como também, dava aula no colégio Santa Terezinha. (MILHOMEM, 2010).

A partir da narrativa entende-se que a porta de entrada do professor Milhomem (2010) na docência sobreveio com um pedido e posterior nomeação deste realizada pelas irmãs da Assunção e o Padre Cícero. Fato este que ocorreu em um momento importante para o desenvolvimento das instituições educacionais no município, visto que as irmãs estavam construindo o Colégio Tocantins que mais tarde se tornaria referência na região. Além disso, nota-se que o grau de

escolaridade de Milhomem era apenas o Ginásio, todavia, devido à “escassez de elementos”, ou seja, a carência de pessoas qualificadas na área da educação na cidade, o professor foi nomeado para atuar em turmas de primário, ginásio, secundário e também no curso de magistério.

Miracema do Norte proporcionou-lhe ainda estreitar vínculos com figuras públicas e políticos da época, relações estas que conforme relato do professor corroboraram para ele solicitar a construção de uma escola pública na cidade e ser atendido, resultando na criação do Colégio Santa Terezinha.

Uma escola que eu tive o prazer de criar, eu pedi ao Governador Leonino Caiado que criasse o colégio Santa Terezinha, porque o Colégio Tocantins, na época, era conveniado, e a maioria dos alunos não tinha condições de pagar a porcentagem cobrada pelo Colégio Tocantins. Isso me levou a pedir a criação do Colégio Santa Terezinha, do qual, eu tive a honra de colocar como primeira diretora a minha esposa Sebastiana para facilitar a autorização dessa escola (MILHOMEM, 2010).

Conforme fragmento exposto, Milhomem imbuído de um desejo de contribuir com as famílias menos abastadas da região, que não podiam arcar com a taxa cobrada pelo Colégio Tocantins. Dado que, havia se tornado uma figura representativa entre seus pares e flertava com o jogo político local, conseguiu conciliar os interesses pessoais, profissionais e políticos, como se pode intuir ao dizer que colocou como primeira diretora sua esposa “para facilitar a autorização dessa escola”.

Em harmonia com a fala de Milhomem, naquela época exigia-se do sujeito para atuar no magistério competências como: o domínio da escrita, da leitura e da matemática que se restringia a saber fazer contas. Além disso, outro critério era considerado relevante tanto quanto o anterior no processo de indicação era que o candidato tivesse uma conduta moral e pessoal ilibada, como pode se observar, a seguir:

Vamos dizer, o comportamento pessoal era importante na decisão de você fazer parte da educação [...] às vezes acontece de o professor [...] ele tem conhecimento, mas moralmente, ele não é a pessoa indicada para assumir o comando dos filhos de uma comunidade. Então essa questão era muito importante (MILHOMEM, 2010).

O texto da LDB de 1961, nos artigos de nº 52 e 53, rege que a Formação do professor para o Ensino Primário deveria ocorrer no Ensino Normal de grau ginásial ou colegial. Neste sentido, o professor Urano Nolasco Milhomem relata que: “Talvez ter o ginásio naquela época valeria muito mais do que uma faculdade hoje para a sociedade e para os familiares”. E continua

Eu tinha apenas o ginásio, hoje, nós chamamos de oitava série, né, do primeiro grau, e ajudei na instalação e funcionamento do Colégio Tocantins como um dos primeiros professores, começando a dar aula de educação física e matemática no antigo ginásio, e uma classe de terceira série primária na primeira fase, ou seja, no antigo primário. E nessa luta, nós terminamos criando o segundo grau, ou seja, o magistério, que era o sonho de toda uma região (MILHOMEM, 2010).

Como pode se observar na descrição do professor, ele vivenciou ativamente um período importante de desenvolvimento da educação na cidade. Sobre a valorização da leitura, quanto à gramática, os exercícios e a redação, Razzini (2000) explicita que com as mudanças ocorridas em meados do ano de 1938, pelo então Ministro de Educação, Gustavo Capanema Filho, no tocante ao acréscimo da carga horária, o novo programa para o ensino das disciplinas ambas

preconizadas pela Lei Orgânica e por um conjunto de portarias, ressaltavam a indispensabilidade da “preeminência da leitura sobre as outras atividades (gramática, exercícios e redação) [...] e a leitura literária [...] foi substituída pela leitura patriótica e nacionalista. (p.104).

[...] As aulas de português, antes restritas ao ciclo fundamental (1932), foram estendidas por todo o curso secundário, aumentando significativamente sua carga horária, de 16 para 23 aulas semanais. O ministro Capanema, na sua “Exposição de motivos”, salientou que: “o estudo da língua, da história e da geografia pátrias – o conhecimento seguro da própria língua constitui para uma nação o primeiro elemento de organização e conservação de sua cultura. Mais do que isto, o cultivo da língua nacional interessa à própria existência da nação, como unidade espiritual e como entidade independente e autônoma. Na conformidade deste pressuposto o ensino da língua portuguesa é ampliado, tornando-se obrigatório em todas as sete séries, com a mesma intensificação para todos os alunos (RAZZINI, 2000, p.104).

Mesmo que essas mudanças tenham ocorrido no governo de Getúlio Vargas (1930) seus efeitos na educação no Brasil perduraram até os anos de 1960. A educação passou por novas alterações com a criação e aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961). Dez anos mais tarde, novas modificações ocorreram na educação no Brasil, em virtude da segunda LDB (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971). As principais alterações foram à previsão de um currículo comum para primeiro e segundo graus. E o ensino passou a ser obrigatório dos sete aos quatorze anos de idade.

Professora Miranda (2019) enfatizou que a docência, não foi exatamente uma escolha, mas uma imposição da sociedade dos anos de 1950 e 1960. Uma vez que esta, determinava, incisivamente acerca da profissão “adequada” a uma mulher de compostura, decente, de família e que almejava se profissionalizar, trabalhar fora, tornar-se independente. Ser professora “era apenas o que tinha para uma mulher. E pondera que, se hoje a discriminação concernente a profissão desempenhada por mulheres ainda existe, imagine no “meu tempo”, pois o preconizado era somente dois ofícios: “ser professora ou ser costureira, eu fui as duas coisas”. Ela descreve sua primeira experiência em sala de aula:

Comecei a trabalhar na educação de adultos em 1963, sendo que auxiliava uma professora já com bastante tempo no magistério. Foi meu primeiro contato foi com a sigla MOBREAL. Era apenas uma sala humilde no período noturno, pois todos os alunos eram adultos. Como não tínhamos energia elétrica à sala era iluminada com lamparinas e velas. Esforcei-me muito para ensinar aqueles que nada sabiam. De carteira em carteira fazíamos o possível para que os alunos aprendessem pelo menos assinar o nome (MIRANDA, 2019).

Nesta direção, a professora Coelho (2019) ao descrever sobre a escolha da profissão e o início do seu trabalho no magistério, também revelou que sofreu com a visão limitada e machista de seu falecido esposo, pois ansiava ser enfermeira e ainda chegou a iniciar o curso, mas teve que abrir mão do seu sonho profissional ao ser constantemente insultada por seu esposo e comparado a uma mulher sem compostura, “da vida”. Logo, a docência foi à profissão indicada como ideal para ela, mulher casada e decente.

Prosseguindo com as narrativas dos professores sobre seu ingresso na docência, Perna (2019) explicitou que o magistério, enquanto profissão, não estava em seus planos, “eu nunca pensei em dar aula, mas, aí às pessoas disseram que precisava de mim, então eu embarquei nessa”. Ou seja, como já apontado por outros professores anteriormente, ela se tornou professora devido

à carência de profissionais da educação, na região neste período.

Então eu comecei em 1953 a dar aula, né! Eu tinha 21 anos, parece, e aí eu não deixei mais, aí eu fiquei a minha última, eu sou aposentada pelo Goiás e Tocantins, meu último trabalho foi em 1998, não, em 96 quando recebi a última aposentadoria então. Porque, como aqui pertencia a Goiás a gente trabalhava, eu trabalhava com dois cargos, mas era Goiás, né. Quando separou Goiás e Tocantins eu já era aposentada por um cargo, aí ficou com Goiás, e eu fiquei com outro pelo Tocantins. Mas aí continuei trabalhando, eu trabalhei muito. E depois, eu me aposentei aí falei que maravilha, vou me aposentar minha filha, passados 6 meses eu já estava naquela angústia. Não sabia mais o que fazer, andando na casa sem saber, mas eu fui fazer porque eu estava com saudades, estava com saudades do trabalho, né? E aí o que eu fiz? Aí eu ainda dei seis anos de aula de reforço aqui em casa. Então foram 46 anos, não 48 anos e 6 meses que eu trabalhei na educação (PERNA, 2019).

O encontro da professora Perna (2019) com o magistério, segundo sua narrativa, aconteceu de repente, por vontade de ajudar a amenizar a falta de professores na região, não por vocação ou interesse pessoal. Porém, observa-se no relato que ela se identificou com a profissão de tal modo que após 42 anos de trabalhos prestados e depois de ter conseguindo conquistar a merecida aposentadoria se sentia angustiada. Pois, o trabalho estava tão entrelaçado à sua vida pessoal e profissional, foi difícil dissociar. Diante do vazio e da imensidão do dia, de acordo com sua fala, resolveu dar aulas particulares em sua residência por mais seis anos.

Do mesmo modo, o professor Moreira (2019) externou que o mister de professor em sua vida ocorreu por uma eventualidade: “professor eu fui por acaso, eu não tinha nenhuma intenção de ser professor”. Observa-se no relato:

A irmã Beatriz que alavancou o colégio Tocantins, ela tinha uma equipe muito boa para começo de assunto das freiras mesmo, tinha a irmã Emma que era quem planejava construção de coisas, mas ela tinha uma dificuldade muito grande de achar professores aqui né. Então, ela, quem chegava aqui tipo eu cheguei, ela já veio contactar comigo para ver se eu queria lecionar. E como eu cheguei aqui assim que eu terminei o curso e meu pai tinha a intenção de transformar a loja em supermercado, mas aí demorou um pouco, aí enquanto isso eu fiquei lecionando. O pessoal do banco do Brasil, já tinha o banco do Brasil, na época muita gente também do banco do Brasil lecionou e tinha os professores também que eram formados né na profissão mesmo (MOREIRA, 2019).

O professor Luz (2019) elucidou que a docência em sua vida profissional sobreveio a partir de um “acaso (risos) foi um acaso do destino. Eu cheguei a prestar vestibular para medicina para direito e aí fui fica lá na educação”. Ou seja, o professor Luz ambicionava áreas totalmente distintas, mas como não conseguiu ser aprovado no curso desejado e acabou por agarrar a segunda alternativa: “eu prestei vestibular, aí tinha a primeira e a segunda opção de curso. Não me recordo qual foi que eu coloquei, na segunda coloquei geografia, aí como não fui aprovado na primeira e fui aprovado na segunda, aí eu fiquei com geografia” (LUZ, 2019).

O professor Luz (2019) ilustra que seu primeiro encontro com a docência foi tranquilo, embora tenha ficado ansioso. Explicitou que uma breve experiência vivenciada em Goiânia ainda na condição de aluno, de substituir um colega de curso por um semestre, contribuiu bastante, mesmo com turmas, cursos e quantidade de alunos bem diferentes da realidade do Colégio Tocantins. Sobre o contexto do colégio descreve:

Aqui era aluno demais, era de quinta série até o terceiro ano do segundo grau. Tinha vários cursos: magistério, enfermagem, contabilidade, muitos cursos, e alunos demais. O colégio Tocantins tinha tanto aluno que muitas vezes para dar aula de uma disciplina tinha que juntar duas turmas numa sala. Faltava espaço físico grande para comportar tanta gente e professor de menos, muitas vezes a gente não dava conta de dar aula em várias turmas (LUZ, 2019).

Diante do relato entende-se que em Miracema havia uma grande quantidade de alunos. Havia a oferta de cursos e graus variados no Colégio Tocantins. A demanda para educadores era grandiosa. Absorviam profissionais com pouca ou nenhuma formação acadêmica para as nomeações e contratações.

Entretanto, a professora Souza (2019) natural de Lizarda/TO, após residir em Tocantínia/TO por doze anos, em 1972 mudou-se para Miracema, tinha 27 anos e cursava a terceira série do magistério. No tocante a decisão de ser professora reverberou que isso adveio dela mesmo, e explicou: “porque naquele tempo era difícil quando você terminava você queria era trabalhar, mesmo que fosse sem vocação, era o que tinha pra gente”. Destacou que a princípio não imaginava que seria docente, ou seja, o magistério sucedeu na sua vida por uma questão de oportunidade “quando eu terminei o que eu queria era trabalhar para ajudar meus pais que viviam com dificuldades, emprego era difícil”.

Nota-se que o elemento determinante na vida profissional de Araújo (2019) foi à dificuldade financeira vivida pelos pais. Os quais tinham pouco estudo, seu pai agricultor e a mãe doméstica. Araújo era um de uma família cinco de onze filhos, logo contribuir com algum dinheiro era algo imperioso. Assim, em 1974 conseguiu um contrato com políticos da cidade e começou sua trajetória no magistério. Encerrou suas atividades após vinte e cinco anos de trabalho realizados em uma única escola, Santa Terezinha. Recorda que a primeira experiência “enfrentei uma barrinha difícil, mas depois fui levando”.

Neste sentido, Miguel Arroyo (2000, p.126) explicita que:

Ser professora, ser professor, projeta uma determinada função social, e mais do que isso, projeta ou concretiza uma determinada cosmovisão que está incorporada a esse ofício. A condição de vida está presente em nossas escolhas ou condiciona nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível. Essa condição está presente na socialização de toda nossa vida, sobretudo de nossa infância e juventude, na socialização das imagens profissionais e das posições que projetamos como possíveis.

A partir das narrativas e do fragmento acima descrito, compreende-se que nem sempre o ser professor ou professora está relacionado a uma predileção, porém a opção determina uma função social a ser exercida. Além disso, vários aspectos influenciam ou determinam a escolha de uma profissão como: condição social, oportunidades e o preconceito para o exercício de outras profissões, no caso de ser mulher.

4 Algumas considerações finais

Ela nos conta que no dia que seria o dia do dia
mais feliz de sua vida Arlindo Orlando, seu noivo,
um caminhoneiro conhecido da pequena e pacata cidade
de Miracema do Norte
Fugiu, desapareceu, escafedeu-se
Evandro Mesquita / Ricardo Barreto

Há dois passos do paraíso encerro esta prosa. Prosa de tocantinense que aprendeu a geografia no pé. Da escola rural para a escola da cidade, muitas narrativas ouvi e aprendi. De professores, de velhos, de pessoas que tentavam construir uma cidade que mirava o futuro.

Esta pesquisa historiou a trajetória dos professores aposentados que atuaram nos Colégios: Tocantins, José Damasceno Vasconcelos e Centro de Ensino Médio Santa Terezinha na cidade de Miracema do Tocantins. Para a consecução dos objetivos foi necessário contextualizar o cenário educacional e social do norte goiano através de jornais, arquivos de particulares e de instituições educacionais.

Fazer uma revisão da literatura local, regional e nacional do período de 1960 a 1990. Descobrir a história da educação contada pelos nortenses que se formaram em Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras. Como também os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa História, historiografia, fontes de pesquisa em educação do CNPq (2004) no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins.

As narrativas dos professores, protagonistas deste trabalho proporcionaram um passeio pelas dificuldades impostas pela falta de formação para a docência, do apreço pelos alunos, da velha recitada tabuada, dos desfiles cívicos e até do carnaval nos antigos clubes da cidade. Época das marchinhas e das alegrias do ló ló.

O ofício de magistério não era tão feminino assim, a maioria dos professores ainda eram homens indicados pelo compadrio dos governantes. Às mulheres eram convidadas a exercer a profissão porque não tinham outras alternativas para extensão do trabalho no lar.

O período militar foi destacado com muito pesar pelos professores, a função dos inspetores estava para além dos fins educacionais, tinha fins políticos e de controle da população.

Posteriormente, a ampliou-se a rede de escolas públicas coincidindo com a instalação provisória da capital na cidade de Miracema (1989), período de desenvolvimento da antiga Bela Vista.

Mais, em menos de um ano, a capital foi transferida para Palmas e Miracema foi destronada. Novos colégios surgiram na capital, oportunidades de trabalho e outras necessidades do capital. A cidade imaginada era puro barro e poeira. Agora mirava-se um outro lugar. Tocantins.

As escolas do interior do goiano eram caracterizadas por um amplo conjunto de limitações, posto que, de modo geral, eram escolas pequenas com apenas uma ou duas salas de aula, as quais não possuíam recursos didáticos para o desenvolvimento de uma aprendizagem com o mínimo de qualidade. Era comum a contratação de professores sem formação para o exercício

do magistério, o que tornava o ensino e a aprendizagem ainda mais limitado.

As memórias dos professores aposentados trouxeram à tona vestígios do cotidiano destas escolas, das práticas docentes, da palmatória, da disciplina religiosa, dos catecismos, da moral e cívica, dos desfiles e dos blocos carnavalescos. As vivências dos agentes escolares trouxeram informações sobre a cultura, as práticas, os ritos, o dia-a-dia escolar. Sobre a história da educação do norte goiano.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2000.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas E Vol. I).

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011

GOMES, Ângela de Castro. A Escola republicana: entre luzes e sombras. In: GOMES, Ângela de Castro, PANDOLFI, Dulci de Chaves & ALBERTI, Verena (coords). **A República no Brasil**. pp. 385-449. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002. 559p.

GOMES, Rita de Cássia Medeiros. **A formação dos professores no contexto atual**. v.14, n.18, 2011, p. 103-125.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, p.20-28, 2002.

LIRA, Elizeu Ribeiro. **A gênese de Palmas - TO**. (Dissertação). Presidente Prudente: UNESP, 2011.

MAGALHAES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2004.

NEVES, Xavier Rogério; MARTINS, Maria do Carmo. **Memórias e História da escola**. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras. 2008

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. **O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971)**. Tese de Doutorado. UNICAMP 2000.

VASCONCELOS, Américo. **Retalhos de um passado: Miracema do Tocantins**.

Miracema do Tocantins: Gráfica e Editora Kelps, 1991.

Entrevista

COELHO, Maria Marlene Rocha. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 10 de maio de 2019.

COELHO, Neusa Pereira. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 21 de maio de 2010.

LUZ, Epitácio Pereira. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 03 de abril de 2019.

MILHOMEM, Urano Nolasco. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 21 de maio de 2010.

MIRANDA, Maria Graciete Iaghy. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 03 de abril de 2019.

MOREIRA, Carlos Augusto Cerqueira. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 07 de abril de 2019.

NASCIMENTO, Maria Edite Alves do. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 18 de abril de 2019.

NÔLETO, Evalda de Aquino. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 15 de maio de 2019.

PERNA, Adalgisa Nôleto. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 30 de janeiro de 2019.

SANTOS, João Alberto Fagundes dos. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 13 de abril de 2019.

SOUZA, Luiza de Araújo. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 08 de abril de 2019.

SOUZA, Luisa Moreira de. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 26 de abril de 2019.

SOUZA, Luiza Gonzaga Lopes de. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 23 de maio de 2019.

TORRES, Maria Rosária Campos. **Entrevista concedida a A.M.B.** Miracema do Tocantins, TO. 31 de janeiro de 2019.

Leis

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. In: LIMA, Nestor dos Santos. **Um século de ensino primário.** Natal: Typografia d'A República, 1927.

BRASIL. Lei 5.692/1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Brasília, 1971.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. LEI Nº 915, DE 16 DE JULHO DE 1997. **Define como símbolos da natureza do Estado, a flor, a árvore, o pássaro e a pedra que especifica**. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/345081/>> acesso dia 08 de agosto de 2019.

LEI Nº 2.619, DE 9 DE AGOSTO DE 2012. **Define os Símbolos da Natureza do Estado do Tocantins, e adota outras providências**. < <https://central3.to.gov.br/arquivo/345125/>> acesso dia 08 de agosto de 2019.